

INFORMAÇÕES SOBRE OS RISCOS OCUPACIONAIS E SATISFAÇÃO ENTRE TRABALHADORES DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE NATAL/RN, BRASIL

RICHARDSON AUGUSTO ROSENDO DA SILVA
ELIANE SANTOS CAVALCANTE
MARIA DAS GRAÇAS DE PAIVA NICOLETE
RICARDO ALVES DOS SANTOS
KALINE NUNES DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, Brasil
rirosendo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os riscos ambientais das instituições hospitalares causados por agentes físicos, químicos, biológicos, psicossociais e mecânicos, associados aos riscos ergonômicos que produzem desequilíbrio no processo de adaptação ao trabalhador às condições de trabalho, presumivelmente podem provocar enfermidades e acidentes de trabalho que se destacam como grave problema nacional (BENATTI, 1989; BULHÕES, 1994; JANSEN, 1997).

No Brasil, essa preocupação que começou a manifestar-se com maior intensidade na década de 60 alcançou maior repercussão quando em 1972 o país foi considerado “campeão mundial de acidentes de trabalho” (COSTA, 1981; POSSAS 1981; RIBEIRO & LACAZ, 1984; BENATTI, 1989).

Se os profissionais de saúde são expostos aos riscos hospitalares de forma acentuada e sendo a enfermagem responsável por 60% das ações de saúde, os riscos tornam-se mais graves pelo tempo de exposição e pelo contato direto a que estes trabalhadores, se submetem diariamente (BULHÕES 1994).

A enfermagem é uma das profissões que contribui para preservar a vida e a saúde do homem, mas ainda não conseguiu resolver os problemas relacionados à sua própria proteção.

O desconhecimento dos riscos ocupacionais a que está exposta e seus efeitos sobre a saúde é uma constatação real diante da observação direta da prática da enfermagem nos hospitais e das condições precárias e subumanas a que estão submetidos estes profissionais. Acredita-se que possivelmente as doenças profissionais e os acidentes de trabalho do ambiente hospitalar têm relação direta com o nível de conhecimento dos riscos desses trabalhadores; conseqüentemente a melhoria do nível de informações e discussões provavelmente podem minimizar os efeitos que tais riscos podem provocar.

Neste sentido e com o objetivo de contribuir de alguma forma para a melhoria da saúde do trabalhador e oferecer subsídios a compreensão desta realidade, especialmente no Estado do Rio Grande do Norte, onde há uma evidente carência de estudos nesta área, a autora motivou-se a realizar essa investigação.

Propôs-se então a estudar o conhecimento dos riscos e a ocorrência de acidentes de trabalho em um hospital geral de grande porte, visando dar maior consistência a luta dos trabalhadores em defesa da sua saúde.

Através da concretização desse estudo pretendeu-se os seguintes objetivos: verificar as informações desses profissionais sobre os riscos ocupacionais que podem favorecer-lhes a ocorrência de acidentes de trabalho e detectar a satisfação dos profissionais com o trabalho, diante dos riscos e acidentes no ambiente de trabalho.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como epidemiológico descritivo, realizado através de um levantamento retrospectivo de dados referidos pelos trabalhadores de enfermagem, com o

objetivo de identificar a ocorrência de acidentes de 3 anos de trabalho e os riscos existentes, que podem leva-los a sofrer tais acidentes.

Foi realizado no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), situado em Natal/RN, Brasil, pelo fato do mesmo ser um Hospital de ensino, integrante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É um hospital de médio porte, de natureza secundária e terciária e de referência para todo o estado. É mantido pelo ministério da Educação conveniado com o Sistema Único de Saúde (SUS) sendo juridicamente de natureza pública e acrescenta aos seus objetivos assistenciais as funções de ensino, pesquisa e extensão universitária.

Em relação aos procedimentos de coleta de dados, após autorização oficial junto à direção do hospital e a aprovação pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi solicitada a listagem dos profissionais de enfermagem e reuniões de esclarecimento em todos os setores de trabalho.

Os instrumentos foram validados por 5 juizes docentes e 5 profissionais especializados em medicina do trabalho e foi testado com 20% da população dos trabalhadores de enfermagem.

O questionário foi constituído de perguntas abertas e fechadas com dados de identificação e informações sobre acidente de trabalho, condições do ambiente de trabalho, agentes que podem causar riscos de acidente de trabalho e dados sobre o acidente sofrido.

Os dados foram coletados através de aplicação de um formulário ao pessoal de enfermagem no período de Setembro a Dezembro de 2006. Estes funcionários foram submetidos a esta entrevista nos seus respectivos locais de trabalho.

Os dados foram organizados em um banco de dados, utilizando-se o programa Excel 97.

Os resultados foram apresentados com base na Estatística Descritiva, utilizando-se distribuição de freqüência simples e relativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que diz respeito à satisfação com o trabalho, 60% dos auxiliares encontram-se insatisfeitos com as condições de trabalho, 38% dos técnicos e 26% dos enfermeiros estão insatisfeitos. No geral, observa-se que 47% dos profissionais de enfermagem estão satisfeitos, 41% encontram-se insatisfeitos e apenas 12% estão muito satisfeitos com as condições de trabalho. Observa-se que a satisfação tem um percentual de 60% nos enfermeiros e a insatisfação tem um percentual de 60% nos auxiliares de enfermagem.

Os dados acima vêm a confirmar o estudo prospectivo de BIGOS et al, (1991) realizado durante 4 anos com 3.020 empregados e chegaram a conclusão que os trabalhadores que quase nunca estão satisfeitos com as atividades de seu emprego, têm duas vezes e meia, mais acidentes do que aqueles que quase sempre estão satisfeitos no desempenho da função. Nesse sentido, pode-se afirmar que variáveis tais como: remuneração, carga de trabalho, turno de trabalho, jornada de trabalho, condições de equipamentos, tipos de atividades entre outras, podem provocar um maior ou menor grau de satisfação no desempenho da profissão.

Os profissionais que estão insatisfeitos justificam que a insatisfação deve-se às condições precárias e deficientes de trabalho com sobrecarga de trabalho diária. Os profissionais satisfeitos justificam a sua satisfação pelo amor a profissão e porque trabalham numa atividade que gostam beneficiando-se a si próprio e aos pacientes.

Ressalta-se que a satisfação com o trabalho é o elemento responsável pelo crescimento e desenvolvimento pessoal e organizacional. A relação entre a opinião sobre a qualidade dos serviços prestados e a satisfação do profissional com seu trabalho, confirma a teoria da qualidade de que uma de suas principais dimensões é a satisfação (NOGUEIRA, 1994). Não apenas como cliente externo, mas também do interno, pois se esse não está satisfeito com o que faz, dificilmente prestará um serviço de qualidade.

A gestão orientada para a qualidade enfatiza a necessidade de se produzir um ambiente de cooperação e participação, no qual os trabalhadores envolvam-se na consecução dos objetivos organizacionais, desfrutem de maior autonomia no âmbito de suas funções, e conjuguem realização pessoal e trabalho (FARIAS, 2002). A satisfação do profissional provoca efeitos positivos sobre a qualidade e produtividade do trabalho, devendo, portanto constituir interesse da própria organização.

Como síntese geral no que concerne a relação das informações dos profissionais de enfermagem sobre acidentes de trabalho, 19% dos auxiliares expõem como ocorrência restrita o local de trabalho e, 13% enfatizam a abrangência do acidente além do hospital, o percurso do trabalho para a residência. Com relação aos técnicos de enfermagem, 32% explicam o acidente como tudo que coloca em risco a saúde do trabalhador e 26% referem lesões que ocorrem no horário de trabalho. Quanto aos enfermeiros, 32% relacionam como acidentes, as ocorrências no trabalho.

O maior risco para os trabalhadores da área da saúde é o acidente com material perfurocortante, que expõe os profissionais a microorganismos patogênicos, sendo a hepatite B a doença de maior incidência entre esses trabalhadores (FIGUEIREDO, 1992).

Com o surgimento da AIDS, maior ênfase passou a ser dada à exposição desses trabalhadores ao sangue.

O acidente de trabalho em nosso país deve ser comunicado imediatamente após sua ocorrência, por meio da emissão da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), que deve ser encaminhada à Previdência Social, ao acidentado, ao sindicato da categoria correspondente, ao hospital, ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Ministério do Trabalho (MARCELINO, 1999).

Apesar de, legalmente, ser obrigatória a emissão da CAT, observa-se, na prática, a subnotificação dos acidentes de trabalho. O sistema de informação utilizado apresenta falhas devido à concepção fragmentada das relações de saúde e trabalho, marcada por uma divisão e alienação das tarefas dos profissionais responsáveis pelo registro da CAT, os quais privilegiam o cumprimento de normas burocráticas, mas não o envolvimento profissional com a questão acidentária (BARROS, 1986).

As causas da subnotificação de acidentes de trabalho (CANINI, 2002), na visão de trabalhadores da área de saúde de uma cidade do interior paulista, foram atribuídas à falta de importância dada às pequenas lesões, tal como picada de agulha, contanto com secreção, sangue e material contaminado, e, o desconhecimento sobre a importância da emissão da CAT.

Diante da freqüente ocorrência de acidentes do trabalho ocasionados por material perfurocortante, observada em nossa atuação profissional, e por acreditarmos que os profissionais médicos devam se preocupar com a implementação de práticas que lhe ofereçam condições seguras para o desempenho de suas atividades laborais, propusemos-nos realizar a pesquisa ora apresentada cujos resultados contribuirão para divulgação do conhecimento produzido sobre a referida temática.

Apesar do conhecimento do risco de infecção pelo HIV e por outros agentes, as atitudes dos profissionais de saúde geralmente são negligentes em relação às medidas universais de biossegurança (MUB).

No que diz respeito aos fatores que podem provocar acidentes de trabalho, os auxiliares apontam o estresse com um percentual de 10%, furadas com agulhas ou lâminas contaminadas em torno de 9% e a falta de atenção com 11%. Os enfermeiros apontam que 25% dos acidentes são provocados através de infecção hospitalar e outros materiais perfurantes, 9% devido ao estresse mental, sono e fadiga.

Em estudo realizado no Brasil, com trabalhadores da saúde, visando à identificação do risco ocupacional de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (MACHADO, 1992), foi constatado que 88,8% dos acidentes de trabalho notificados acometeram o pessoal da enfermagem.

Dentre os fatores predisponentes a ocorrência de acidentes de trabalho dessa natureza, está a freqüente manipulação de artigos críticos pelos profissionais de medicina e enfermagem (MURPHY, 1995).

O Ministério da Saúde, por meio do programa de DST/AIDS (GRAÇA, 1999) recomenda que os acidentes que envolvam exposição a material biológico sejam analisados quanto ao material biológico envolvido, ao tipo de acidente e à situação sorológica do paciente fonte em relação ao HIV. Se for indicado quimioprofilaxia, ela deverá ser iniciada nas primeiras 2 horas após o acidente, tendo duração de 4 semanas ou até que se tenha o resultado da sorologia do paciente fonte.

Embora considerável progresso tenha sido observado sobre o entendimento do risco ocupacional e HIV (MARCUS, 1997), os trabalhadores da saúde e, principalmente, os da área médica têm se mostrado resistentes à utilização de equipamentos de proteção individual, à subestimação do risco de se infectar e à notificação do acidente de trabalho.

Quanto ao conhecimento das normas regulamentadoras de Segurança e Medicina do Trabalho, 28% dos auxiliares não sabem a resposta, 24% relacionam a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), 20% o Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT) e 18% a NR-5. Do total de técnicos, 24% não têm conhecimento das normas, uma vez que deixaram em branco, 20% responderam que é a NR-5 e 12% a CIPA. Por sua vez, 42% dos enfermeiros afirmaram que é a CIPA, 24% responderam que é a CIPA e a CCIH e 18% mencionaram a NR-7.

Em relação à norma regulamentadora que estabelece a obrigatoriedade do uso de EPI, os auxiliares apresentaram 61% de desconhecimento, pois deixaram a questão em branco, 21% referem à CIPA e 18% as NRs. Dos técnicos, 12% responderam EPI e 20% afirmaram que é o EPI e CIPA. Quanto aos enfermeiros, 42% responderam que é o EPI, 22% deixaram em branco e 20% Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH).

Dentre os riscos aos quais estes profissionais estão expostos, 23% dos auxiliares consideram a maior exposição do contato com material cortante e perfurante e 12% enfatizam o estresse. Os técnicos deixaram claro o problema da contaminação por falta de segurança e problemas diversos, cujo percentual foi de 20%. Já com relação ao posicionamento dos enfermeiros, 12% acham que são os riscos de contaminação e 14% o desgaste emocional e estresse.

Os trabalhadores da área de Saúde, durante a assistência ao paciente, estão expostos a inúmeros riscos ocupacionais causados por fatores químicos, físicos, mecânicos, biológicos, ergonômicos e psicossociais, que podem ocasionar doenças ocupacionais e acidentes de trabalho.

O contingente de trabalhadores de medicina e enfermagem, particularmente o que está inserido no contexto hospitalar, em sua grande maioria executa a assistência direta aos doentes, e, conseqüente, expõe-se a vários riscos, podendo adquirir doenças ocupacionais e do trabalho, além de lesões em decorrência dos acidentes de trabalho (BULHÕES, 1998).

CONCLUSÕES

Com relação à satisfação no trabalho, 46% dos profissionais de enfermagem demonstram que estão insatisfeitos, 43% satisfeitos e 11% muito satisfeitos. No geral, observa-se que grande parte da insatisfação é gerada pelas condições de trabalho e a satisfação desses profissionais é percebida pelo amor e dedicação ao trabalho e na profissão que escolheram.

Os enfermeiros demonstraram informações mais completas sobre o assunto, pois referem a necessidade do uso do EPI com observação das NRs além da falta de condições de trabalho e esclarecimento. Os técnicos enfatizam as incapacitações por falta de treinamento, e quanto aos auxiliares, têm informações superficiais (definem apenas os acidentes como danos

à saúde ocorridos dentro da instituição e um pequeno percentual enfatiza o acidente ocorrido no percurso do trabalho) devido ao seu nível de formação.

Para finalizar, espera-se que com base na fundamentação teórica e nos resultados apresentados, esta pesquisa realizada venha a contribuir para a formação de uma consciência quanto a importância da saúde e segurança dos trabalhadores de enfermagem no ambiente de trabalho, como também, propicie uma melhoria do processo educativo sobre conhecimento dos riscos e a importância da participação dos trabalhadores na luta pela transformação desta realidade, na prevenção dos acidentes de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. P; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia**: um guia para iniciação científica. São Paulo (SP): Mc Graw- Hill; 1986.
- BENATTI, M. C. C. **Estudo da prática do enfermeiro do trabalho**. Campinas, 1989. 151 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 1989.
- BIGOS, S. J. et al. A prospective study of work perceptions and psychosocial factors affecting the report of back injury. **Spine**, v.16, p.1-6. 1991.
- BULHÕES, I. **Riscos do trabalho de enfermagem**. Rio de Janeiro: Folha carioca; 1994. 221p.
- CANINI, S. R. M. S; GIR, E; HAYASHIDA M; MACHADO, A.A. Acidentes perfurocortantes entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário do interior paulista. **Rev Latino-am Enfermagem**; v. 10, n. 2, p. 172-8, mar/abr, 2002.
- COSTA, M. R. **As vítimas do capital**: os acidentados do trabalho. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FARIAS, L. O; VAITSMAN, J. Interação e conflito entre profissionais e organizações hospitalares. **Cad Saúde Pública**, v.18, n.5, p.1229-41. 2002.
- FIGUEIREDO, R. M. Opinião dos servidores de um hospital escola a respeito de acidentes com material perfurocortante na cidade de Campinas-SP. **Rev Bras Saúde Ocupacional**; v. 20, n. 76, p. 26-33, jul/dez, 1992.
- GRAÇA, M. S. Situação atual da AIDS no Brasil. In: **Boletim Epidemiológico AIDS**. Secretaria do Estado da Saúde (SP). Programa DST/AIDS, Brasil. 1999 dezembro. v. 3, n. 3, dezembro, 1999.
- JANSEN, A. C. Um novo olhar para o acidente de trabalho na enfermagem: a questão do ensino. Ribeirão Preto, 1997. **Dissertação** (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 1997.
- MARCELINO, I.V. **O sistema de informações sobre acidentes do trabalho no município de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, no ano de 1998**: uma abordagem qualitativa. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/ USP; 1999.
- MACHADO, A. A. Risco de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) em profissionais da saúde. **Rev Saúde Pública**; v. 26, n. 1, p. 54-6, 1992.
- MARCUS, R; Bell, D. B. Occupational risk of human immunodeficiency virus-infection in health care workers. In: de Vita VT. **AIDS**: etiology, diagnosis, treatment and prevention. 4ª ed. Philadelphia (EUA): Lippincott-Raven; 1997.
- MURPHY, D. The development of risk management program in response to the spread of bloodborne pathogen illnesses. **J Intrav Nurs**; v. 8, n. 65, p. 543-7, 1995.
- NOGUEIRA, R. P. **Perspectivas da qualidade em saúde**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1994. 155p.
- POSSAS, C. A. **Saúde e trabalho**: a crise da Previdência Social. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- RIBEIRO, H. P.; LACAZ, F. A. C. **De que adoecem e morrem os trabalhadores**. São Paulo: iesat, 1984.

Autor Principal: Richardson Augusto Rosendo da Silva. Rua São Clemente, 3306, Candelária, Natal/RN, CEP-59065-610, Brasil. E.Mail: rirosendo@yahoo.com.br